O Fascínio e a malandragem de Gabriela na Televisão e no Cinema[1]

Hudson Moura

O sexo, a política e a violência presentes no romance ***Gabriela, Cravo e Canela*** do escritor brasileiro **Jorge Amado** são ingredientes mais do que apetitosos para o cinema. E, desde a sua criação nos idos de 1958, Gabriela vem seduzindo o imaginário brasileiro com a sua liberdade e ousadia ao levar a sensualidade para a cozinha. Ela é envolta num mundo de coronéis, jagunços, prostitutas e trambiqueiros os quais delineiam o quadro da rica sociedade cacaueira de Ilhéus dos anos 20.

Os leitores brasileiros parecem ter encontrado na morena baiana as formas sensuais e femininas do malandro. A malandragem de Gabriela está no seu jeito moleque, amoral, na sua malícia ingênua, na sua propensão em passar do salão à cozinha ou mesclar o trabalho serviçal da casa aos prazeres da cama. Como afirma Roberto Da Matta, a liberdade e autenticidade da jovem Gabriela, 'que é

[1] Comunicação apresentada no II Simpósio Internacional Rosa dos Ventos - Português nos quatro cantos do Mundo. 65 Anos de Português na Universidade de Toronto, 28-29 de Setembro de 2012.

de todos e não é de ninguém', está na sua recusa tanto de se submeter aos padrões da mulher de classe média quanto a marginalidade da prostituição: "Cozinheira, doméstica e construída como imagem viva da mulher anti-intelectual, Gabriela revoluciona com as armas que possui: seu corpo, seu tempero, sua comida..."[2] Essa malandragem também está nas suas formas físicas e feições étnicas, entre o negro e o europeu, que se faz traduzir numa brasilidade ímpar através do seu cheiro de cravo e sua pele cor de canela.

As adaptações televisivas e cinematográficas feitas à partir do romance, não ousaram tanto neste retrato *fronteiriço* e ambíguo da sociedade brasileira, optando na maioria das vezes e pecando por um excesso ou um simplismo ao explorar a nudez e ingenuidade (*beau sauvage*) de Gabriela.

Nesta comunicação pretendo retraçar através das adaptações audiovisuais os fascínios da representação que a personagem Gabriela exerce na sociedade brasileira, assim como suas contradições. Muito já foi dito, estudado e criticado sobre Gabriela, eu pretendo tão somente apontar alguns caminhos e pontos sobre a questão da passagem do texto literário às mídias televisiva e cinematográfica e sobretudo ressaltar algumas particularidades dessas versões de Gabriela. Esse deslocamento para mídia ajudou a transformar Gabriela numa das personagens literárias mais populares da cultura brasileira, alimentando o imaginário e inspirando novos desdobramentos.

Eu nasci assim

Gabriela chega a Ilhéus com um grupo de retirantes, suja e maltrapilha, fugindo da seca. Ela tinha "conseguido vencer os caminhos, a caatinga, a fome e as cobras, as moléstias endêmicas, o cansaço." (Amado) Gabriela aceita ir trabalhar para *"Seu Nacib"*: moço bonito! dono do bar Vesúvio e pelo qual se apaixonará. Amado apresenta o turco Nacib no início do livro como quem introduz um personagem

[2] Roberto Da Matta, Dona Flor e seus dois maridos: Um romance relacional, in *Tempo Brasileiro* 74: Jorge Amado, KM 70, Julho-Setembro 1983, p. 16.

mítico e misterioso, ao mesmo tempo que faz a introdução da própria história que seguirá:

> Aventuras e desventuras de um bom brasileiro (nascido na Síria) na cidade de Ilhéus, em 1925, quando florescia o cacau e imperava o progresso com amores, assassinatos, banquetes, presépios, histórias variadas para todos os gostos, um remoto passado glorioso de nobres soberbos e salafrários um recente passado de fazendeiros ricos e afamados jagunços, com solidão e suspiros, desejo, vingança, ódio, com chuvas e sol e com luar, leis inflexíveis, manobras políticas, o apaixonante caso da barra, com prestidigitador, dançarina, milagre e outras mágicas ou um brasileiro das arábias. (Jorge Amado)

As origens de Gabriela são mais dúbias, e ao mesmo tempo representativas, universais de uma imagem do Brasil. Gabriela brota do chão, ela aparece no início da história coberta de poeira e queimada de sol. Ela vem da mistura brasileira tão celebrada pelo bom baiano. "Dela vinha um perfume de cravo, dos cabelos talvez, quem sabe do cangote," descreve o narrador como quem sussurra nos ouvidos de Nacib ou como quem ouve os seus pensamentos. Ela seduz ainda pelo paladar e os alia aos segredos e aos encantos da cama... deitar com seu Nacib será pura satisfação. Gabriela não nega a si mesma um prazer quando a oportunidade se apresenta, vestindo-se como quer e deitando-se com quem lhe apetece: "Clemente na estrada, Nhôzinho na roça, Zé do Carmo também. Na cidade Bebinho..." Ela guarda portanto uma história de estupro, seu tio se meteu em sua cama e a "usava" como este bem o entendia: "Primeiro de todos, ela era menina, foi mesmo seu tio. Ela era menina, de noite seu tio, velho e doente."

Mas Gabriela não é mártir e nem martirizada, em vez de transformá-la em numa personagem revoltada ou em objeto sexual, Amado a dotou de espontaneidade, humor, vitalidade, e uma certa independência perante à vida. Bom Baiano, Amado deixa em segundo plano a crítica social para se perder nos encantos de Gabriela. Situado praticamente no meio da sua produção, a personagem de Jorge Amado adquire um status mítico e arquetípico, que permeará o imaginário popular assim como sua obra. E talvez esteja justamente nos considerados defeitos deste romance onde reside sua força: o texto repetitivo, reafirmando as mesmas informações, os personagens característicos e conhecidos de sua obra, as

imagens “preguiçosas”, coloridas e “reconhecíveis” do sul da Bahia, seja a razão para tanto sucesso popular.

Juliana Paes no papel título de Gabriela na versão televisiva de 2012

É a imagem de um Brasil mesclado cheio de facetas e opostos, ricos e miseráveis, pudicos e devassos, brancos e negros, místicos e descrentes (Castello, 2009, p. 17), que Jorge Amado define a nação brasileira à partir de três fatores: a sexualidade, a mestiçagem e o sincretismo.

Segundo os críticos, Amado adota uma representação realista de valores do povo ao lado da crítica a aspectos negativos do país que visa através de uma forma estética elaborada a valorizar igualmente: o assunto e a estrutura--amalgamados numa espécie de realidade criadora ou uma dialética entre documental e poético.

A malandragem de Gabriela

A malandragem de Gabriela está na maneira como transita entre os opostos se fazendo valer de uma conciliação inexistente mas sintética ou sincrética que Roberto Da Matta em sua análise fala de uma estrutura triádica nos romances de Jorge Amado onde associa esta capacidade de reconciliação ao *jeitinho* brasileiro.

> Gabriela, com sua beleza que transcende as classes sociais e sua integridade moral, escapa destas variáveis práticas. De fato, nada pode explicar Gabriela e sua conduta libertária, a não ser o desejo do autor e da própria personagem! É precisamente aqui que começa a surgir o romance dialógico, quando o autor não pode mais controlar os seus personagens e dialoga com eles e por meio deles. São essas vozes dissonantes de uma explicação totalizante, racional e prática que Jorge Amado apresenta nesta segunda fase de sua obra.[3]

Esse jeitinho em Gabriela é uma alegoria "naïve" da sexualidade e mestiçagem brasileira entre negros, índios e portugueses. Na qual se tornou difícil e dúbio a sua posição na casa grande – junto com os desmandos dos coronéis e a submissão das mulheres da sociedade de Ilhéus formarem assim um espelho desta alegoria.

> Em Gabriela, as coisas se equilibram: há uma luta de "coronéis feudais" contra "burgueses capitalistas" [...] mas de permeio temos toda a trama subterrânea onde estão Nacib, Gabriela [...] e as mulheres de Ilhéus, mulheres que pela sua própria posição na estrutura social jamais fazem história no caso brasileiro. Mas o que Amado revela é o paradoxo desta "outra vida" interior, oculta, englobada pelos poderes dos homens que controlam o dinheiro e as leis e que, no entanto, é capaz de ter tanta força e mover esse mundo exterior, embora isso se faça de modo implícito e por meio de ações a-históricas ou ate mesmo ante-históricas.[4]

A personagem tem assim uma importância e faz uma conexão muito maior com o resto da história:

> ...sem desconhecer a diferença social e a desigualdade existentes no país, Amado dá a seus personagens uma convivência pouco imaginada e que dialogaria com a famosa representação criada nos anos 1930 por Gilberto
> Freyre, que apostou na singularidade brasileira a partir da idéia da "democracia racial". Quem sabe nunca tenha existido efetivamente tal democracia, mas a sua utopia sempre fez parte do "programa" amadiano.[5]

A sexualidade de Gabriela fica entre resignação e desejo, e isto fica patente nas cores que esta sexualidade é pintada e transformada em sensualismo pela maneira como ela trata e vê o sexo, assim aceito pelo leitor e dosado nas suas

---

[3] Roberto Da Matta, Dona Flor e seus dois maridos: Um romance relacional, in *Tempo Brasileiro* 74: Jorge Amado, KM 70, Julho-Setembro 1983, p.16

[4] Idem, p. 17.

[5] "O artista da Mestiçagem", Lilia Moritz Schwarcz, p. 35 in *Cadernos de Leituras. O Universo de Jorge Amado*, Org. Lilia Moritz Schwarcz e Ilana Seltzer Goldstein. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

adaptações televisivas e cinematográficas, e também musicais como na canção *Filho da Bahia* de Walter Queiroz: "Eu ainda sou menina mas já sei amar, venha pro meu colo, venha namorar, ai moreno. Filho da Bahia se você não vem..."

Suas personagens nos habitam, nos assombram e nos fascinam. Parafraseando Gilberto Freyre, em nossas almas e corpos trazemos suas sombras, como se brotassem do chão. A dúvida é saber se somos nós os clichês desses personagens, como diria Gilles Deleuze; figuras cômicas, universalistas, popularescas, enfim um conjunto de estereótipos, peças estas fundamentais na carpintaria de obras audiovisuais e que portanto marcam tão profundamente o imaginário popular.

Marco do Padrão Global de Qualidade

Se no romance, a personagem Gabriela chega trazendo as novidades de uma nova época ao mesmo tempo que as mudanças do progresso e o julgamento dos "coronéis", a telenovela de 1975 amalgama esses dois tempos—o tradicional e o novo. Mas, é através do cotidiano que a novela Gabriela se propõe crítica, por estar mais próximo da vida "real" e por pretender desvendar a realidade social brasileira durante os anos de chumbo. Na tradição da telenovela brasileira, Gabriela ajuda a trazer as imagens da realidade racial e cultural do Brasil, compondo um quadro onde as características regionais são valorizadas. Enquanto que o filme de 1983, reproduz ao extremo a imagem exótica e erótica de Gabriela dentro da tradição do cinema da pornochanchada, relevando o que estaria ideologicamente camuflado na percepção do público.

Já a primeira versão do romance para a televisão coincide com a eleição de Jorge Amado para a academia brasileira de Letras em 1961, quando como candidato único ele toma posse da cadeira fundada por Machado de Assis. O lançamento da telenovela adaptada por Antonio Bulhões com produção de Maurício Sherman, ainda no tempo da TV Tupi "ao vivo", era registrado pela imprensa da época como um dos acontecimentos mais importantes da semana comparado ao pronunciamento em cadeia nacional do então presidente Jânio Quadros. A

estratégia de fazer o suspense na escolha da atriz que fará o papel da protagonista, segue os moldes hollywoodianos e é somente anunciada na véspera de sua estréia.

Mas é realmente a sua segunda transposição para a telinha nos áureos tempos dos militares que a versão de Gabriela se torna um sucesso nacional e muda o cenário da regionalização nas telenovelas brasileiras e ao mesmo tempo se encanta com as curvas generosas de Sonia Braga, elegendo-a um símbolo sexual.

Numa das cenas antológicas da novela, Gabriela, usando um parco vestido, sobe no telhado de uma casa para pegar uma pipa de uma criança, que se prendera numa telha (foto abaixo). Na rua, os homens assistem à cena maravilhados enquanto o "turco" morre de ciúmes.

Sônia Braga no papel título de Gabriela na versão televisiva de 1975

Na adaptação de Walter George Durst, o romance entre Gabriela e Nacib divide a atenção com os coronéis do cacau que comandam a política local. Walter Avancini ficou a cargo da direção dos 135 capítulos que foram exibidos às 22 horas, o quarto horário de novelas à partir de abril de 1975. A novela foi uma superprodução, marcando o aniversário de dez anos da TV Globo, com cidade cenográfica que reproduzia a Ilhéus dos anos 20, figurino de esmero, grande elenco, e suspense para revelar o nome da atriz que encarnaria Gabriela.

O fato que a telenovela era baseada em uma obra literária reconhecida e traduzida mundialmente, elevava o nível cultural da televisão brasileira, segundo os censores do governo, apesar das fortes reclamações de alguns setores da

sociedade acusando a telenovela de pornografia. Este um gênero presente no cinema nacional para o qual os ditadores militares fechavam os olhos. Assim, os executivos das televisões se aproveitavam desta brecha para aprovarem com mais facilidade seus scripts—que deveriam ser avaliados pelos censores antes mesmo de serem gravados[6]. Naquele tempo praticamente todos os capítulos de uma telenovela tinham que ser assistidos e autorizados pela censura antes de irem ao ar.

A relação íntima que o brasileiro estabelece com a telenovela somente pode ser comparada ao samba e ao futebol. (Não se diz vou assistir a novela, mas sim, a "minha novela".) E transpor uma obra literária para a telinha não é das tarefas mais fáceis. "Adaptar é trair por amor", disse certa vez Walter George Durst. Assim o autor televisivo consegue romper certos preconceitos e barreiras se passando ele também como admirador e incorporando o romance, muito mais que o reproduzindo nas telas. Um dos exemplos é a cena criado por Durst em que Gabriela sobe no telhado para resgatar uma pipa (foto abaixo), um pontos altos da novela quando a personagem é "apresentada" a todos personagens da trama e uma cena-ícone da telenovela, e que está ausente no romance de Jorge Amado.

Cena da pipa nas versões de 2012 com Juliana Paes e de 1975 com Sonia Braga.

[6] "Telenovela writers under the military regime in Brazil: Beyond the cooption and resistance dichotomy", Nahuel Ribke in *Media Culture Society*, 2011, 33, pp. 663-664.

A fidelidade deixa assim de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme ou da novela como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e audiovisual estão distanciados no tempo, e congregam seu contexto social e de produção.

As Canções de Gabriela

A trilha sonora igualmente seduz e reflete a beleza de Gabriela, dando ênfase ao erotismo e ampliando os sentidos. As letras das canções parecem reproduzir os diálogos do romance. Quando Gabriela ficava admirada com um rapaz bonito, dizia naturalmente: "Que beleza de moço!"

Dori Caymmi musicou os versos do próprio Jorge Amado enquanto Gal Costa emprestou sua voz aveludada numa modinha para a bela morena composta pelo grande amigo Dorival Caymmi. Já na versão cinematográfica de 1983 foi a vez de Tom Jobim ceder-se aos encantos da baiana.

Gal Costa é uma extensão da personagem na música como Sonia Braga nas telas. Além destes, várias outras canções foram compostas e gravadas por grandes intérpretes da música brasileira como Maria Bethânia, João Bosco, Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Fafá de Belém, Elomar, Moraes Moreira, MPB-4, Quarteto em Cy e Djavan.

A canção *Alegre Menina* foi musicada por Dorival Caymmi à partir de um trecho do romance, como segue abaixo:

> CANTAR DE AMIGO DE GABRIELA
> Oh!, que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?
> Palácio real lhe dei um trono de pedrarias
> sapato bordado a ouro esmeraldas e rubis
> ametistas para os dedos
> vestidos de diamante escravas para servi-la
> um lugar no meu dossel e a chamei de Rainha.
> Oh! Que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?

Só desejava a campina colher as flores do mato.
Só desejava um espelho de vidro, pra se mirar
Só desejava do sol calor, para bem viver.
Só desejava o luar de prata, pra repousar.
Só desejava o amor dos homens, pra bem amar.
Oh!, que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?
No baile real levei a tua alegre menina vestida de realeza
com princesas conversou com doutores praticou
dançou a dança estrangeira bebeu o vinho mais caro mordeu uma fruta da Europa entrou
nos braços do Rei Rainha mais verdadeira.
Oh!, que fizeste, Sultão, de minha alegre menina?
Manda-a de volta ao fogão a seu quintal de goiabas
a seu dançar marinheiro a seu vestido de chita
a suas verdes chinelas a seu inocente pensar
a seu riso verdadeiro a sua infância perdida
a seus suspiros no leito a sua ânsia de amar.
Por que a queres mudar!
Eis o cantar
de Gabriela feita de cravo e de canela.

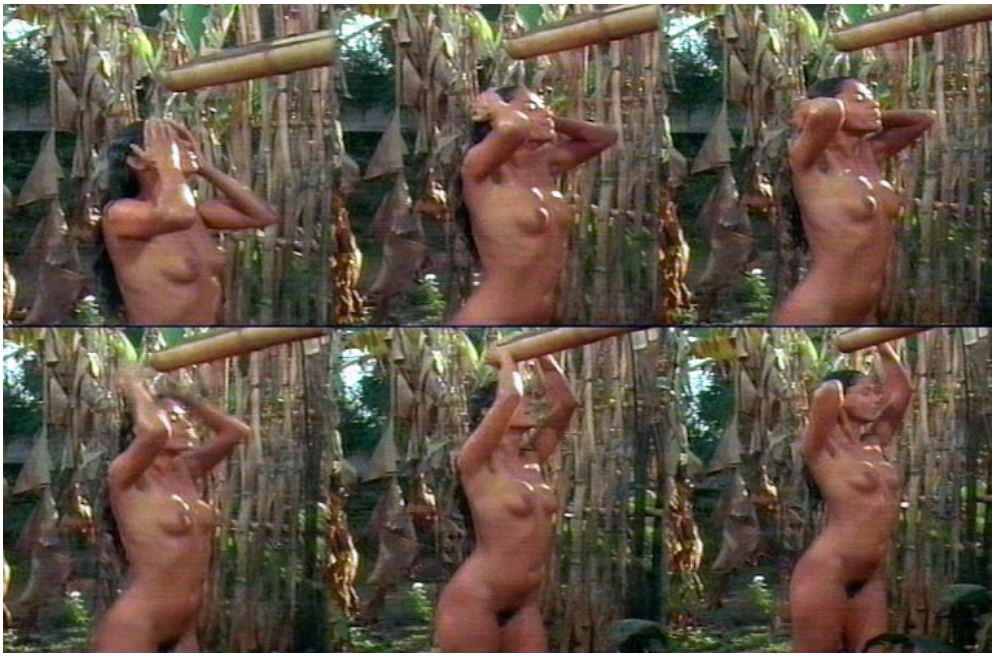
Gabriela não é mais mesma...

Apesar das incontáveis adaptações cinematográficas de seus best-sellers literários, por alguma razão será somente na telinha pequena da sala de estar dos brasileiros espalhados pelos quatro cantos do país, e através dos repetitivos capítulos das telenovelas que a obra de Amado ganha força e popularidade junto ao público e a mídia.

Jorge Amado foi o escritor mais adaptado para a televisão brasileira, além das três versões de *Gabriela* (1961, 1975 e 2012), incluem *Terras do Sem Fim* (1981), *Tenda dos Milagres* (1985), *Tieta* (1989), *Tereza Batista* (1992), *Dona Flor* (1998), *Pastores da Noite* (2002) entre outros.

Adaptações realizadas por célebres cineastas como o brasileiro Nelson Pereira dos Santos ou o francês Marcel Camus, à partir de obras como *Tenda dos Milagres*, *Mar Morto*, *Jubiabá*, ou *Capitães da Areia* nunca atingiram sucesso comercial ou de crítica. A exceção foi *Dona Flor e seus dois maridos*, dirigido

pelo jovem estreante Bruno Barreto em 1976. Vale ressaltar que o filme foi lançado na esteira do sucesso arrebatador de *Gabriela* na televisão alguns meses antes, e repetindo os mesmos atores, Sonia Braga e José Wilker, como protagonistas. E, se valendo do público cativo e da estética da comédia-erótica, sucesso na época com os populares filmes da pornochanchada.



Cena do filme Gabriela (1983) dirigido por Bruno Barreto

As pornochanchadas marcaram um período importante do cinema nacional com uma produção que, com poucos recursos, conseguia uma grande aproximação com o público, apesar de fazerem imitações grotescas, irônicas ou deformantes dos valores sociais sem distanciamento crítico num dos períodos mais repressores da ditadura militar. Gabriela de 1983 não foge ao estilo erótico da época e o filme pára para admirar a nudez sensual de Sonia Braga (foto acima), sob os olhos "pidões" de Marcello Mastroianni.

As adaptações de Gabriela não seguem a estrutura poética e fragmentada do romance (como listas, poemas, elementos disparates que se sobre posicionam; esses elementos não se traduzem visualmente nem na versões televisivas nem

tampouco na versão cinematográfica), mas uma estrutura realista e teatral onde o texto cômico reside no que há de mais próximo entre ambas narrativas.

A poesia do romance é substituída nas suas adaptações pelos diálogos chulos, cômicos e de duplo sentido ressaltando os aspectos pitorescos da sexualidade e da violência do universo da "politicagem" local, dos desmandos dos coronéis de cacau e da presença das prostitutas do Bataclan na sociedade local. Aliás nesta nova versão de 2012 é o reduto das raparigas que está atraindo mais a atenção do público. Ou, Gabriela não é vista como tão ingênua assim como as mocinhas "puras" das telenovelas dos anos 70, ou, o universo colorido e pitoresco de um prostíbulo traduza melhor as imagens veiculadas pela televisão brasileira de hoje, onde imperam a sexualidade "despudorada" dos reality shows.